

A PESQUISA E O ENSINO DE HISTÓRIA: a crônica e a leitura do cotidiano

Regma Maria dos Santos*
Edna Maria Pereira da Silva Nascimento**

Resumo: Propomos, nesse artigo, pensar a crônica no ensino de História como uma nova possibilidade de análise da produção de uma memória tecida cotidianamente nas páginas dos jornais. Pretendemos relacionar a escrita e a leitura da crônica com a percepção da importância da história e da memória nas obras de autores como Carlos Heitor Cony.

Palavras-Chave: Crônica. Memória. Ensino de História.

Abstract: In this paper we propose to think of the chronicle in the teaching of History as a new possibility of analysis of a memory production which is daily woven in newspapers. We intend to relate chronicle's writing and reading with the perception of the importance of history and memory in authors' works such as *Carlos Heitor Cony*.

Keywords: Chronicle. Memory. Teaching of History.

O ensino de História tem ampliado suas dimensões com relação à sua prática, seja desenvolvendo atividades de pesquisa de coleta de documento alargando as concepções de objetos e temas, seja redimensionando os paradigmas de construção do conhecimento história.

A crônica insere-se, nessa perspectiva, como uma nova possibilidade de análise da produção de uma memória tecida cotidianamente nas páginas dos jornais. O que justifica nossa proposta é relacionar a escrita e a leitura da crônica com a percepção da importância da história e da memória nas obras de autores como Lima Barreto, Drummond e Carlos Heitor Cony. Nesse primeiro projeto que aqui apresentaremos, o cronista escolhido foi Carlos Heitor Cony.

Ao pesquisarmos a crônica é importante considerar alguns aspectos, como

* Professora Dra. do Curso de História do CAC/UFG e coordenadora do Projeto: "A leitura e a produção de crônicas no ensino de História" financiado pelo PROLICEN.

** Aluna do Curso de graduação em História do CAC/UFG. Bolsista PROLICEN.

sua relação direta com o jornal, o que a caracteriza aparentemente como breve e fugaz.

Para além da crítica que separa a prática literária da prática jornalística, Sílvia Helena Simões Borelli localiza nesse embate a falsa dicotomia entre os produtos culturais de extração culta e erudita e os produtos originados da produção industrializada da cultura, rotulados, muitas vezes, de cultura padronizada, vulgarizada e popularizada. Segundo a autora, “retoma-se pela crônica, a segmentação entre cultura de massa, cultura erudita e cultura popular.”¹

Borelli questiona sobre quem define essas fronteiras, que equivocadamente exilam os cronistas para fora do campo literário e apontam o mercado como última saída. Diante disso, refuta sublinhando que os cronistas são narradores, que, com sua escritura, resgatam tradições e matrizes culturais originárias. “Na crônica, tradições e rupturas, articuladas, tornam-se visíveis e falam, pela voz do cronista, historiador, intérprete, contador de histórias na modernidade.”²

A questão da crônica pertencer ao gênero literário ou ao gênero jornalístico deixa de ser primordial quando compreendemos, conforme analisa Haroldo de Campos, o surgimento dos chamados gêneros híbridos, a partir das articulações entre a grande imprensa e a literatura, e de seu particular efeito na América Latina.

Segundo Campos, o hibridismo dos gêneros passa a confundir-se a partir do século XIX, com o próprio hibridismo dos *media*. Desta forma, o jornal será o desaguadouro natural de uma linguagem descontínua, alternativa. Ainda conforme Haroldo de Campos, McLuhan sustenta que o hibridismo é uma técnica de descoberta criativa, ressaltando a influência da imprensa popular sobre Mallarmé e Joyce e atribuindo a Edgar Allan Poe o pioneirismo nesse campo.³

As características ambíguas da crônica, todavia, longe de revelarem sua fragilidade, expressam sua potencialidade. Retomando o aspecto cultural, como enfatiza Borelli; na crônica estão presentes elementos híbridos que expõem a capacidade de diálogo do escritor com seu tempo e seu público.

Apesar de ser escrita, a crônica não contém elementos meramente pertencentes à cultura letrada, mas relaciona-se e é permeada pelo que há de mais popular, que é a tradição oral, e ainda, é veiculada por um meio de massa. Nesse sentido, não podemos esquecer de destacar suas múltiplas apropriações pela TV, pelo rádio, que inventaram, cada qual, sua forma de divulgá-la.

¹ BORELLI, Sílvia Helena Simões. *Ação, suspense e emoção: literatura e cultura de massa no Brasil*. São Paulo: Educ/Estação Liberdade, 1996, p. 81.

² *Ibidem*, p.84

³ CAMPOS, Haroldo de. Ruptura dos gêneros na literatura Latino-Americana. In: MORENO, César Fernandes. *América Latina em sua literatura*. São Paulo: Ed.Perspectiva, 1979.

Borelli, observa ainda que o cronista revela o atual, por isso, a crônica é o próprio fato moderno, cujo consumo é imediato. O cronista possui a necessidade de captar esse instante poético e transformá-lo em narrativa, sendo tão ágil como o tempo que passa. Para além disso:

A crônica, escrita no jornal, em pleno século XX, é o lugar privilegiado do entrecruzamento do fato cotidiano e do acontecimento. Em uma sociedade da rapidez, que acopla elementos de formação cultural de diversas origens, dentre esses, os processos midiáticos, a narração do cotidiano transforma-se potencialmente em memória e história.⁴

Nesse sentido propomos ampliar o estudo que vem sendo desenvolvido do ponto de vista teórico para a prática didático-pedagógica, ou seja, utilizar a crônica como documento de análise histórica em oficinas a serem desenvolvidas nas escolas, procurando, numa perspectiva interdisciplinar aliar o conhecimento histórico à produção literária.

Propomos então selecionar crônicas dos autores acima citados tendo como referências as pesquisas desenvolvidas sobre os mesmos, e trabalhá-las com os alunos da rede pública do ensino médio, abordando o contexto de sua produção, os temas por elas tratados, as concepções ideológicas dos autores.

Num segundo momento, estaremos propondo que os próprios alunos escrevam crônicas abordando suas experiências pessoais, familiares e do grupo social ao qual pertencem. Esse exercício pretende, duplamente, despertar o interesse pela leitura e pela escrita, como também ampliar a percepção sobre a importância da memória e da história.

A prática da pesquisa e do ensino de História por meio das crônicas de Cony

Ao iniciar o projeto partimos da percepção de que é preciso valorizar o conhecimento histórico, para que se tenha uma compreensão melhor dos sujeitos históricos, e de suas relações construídas no cotidiano entre os grupos humanos em diferentes tempos e espaços.

Bittencourt propõe então que a História do Brasil não pode ser um apêndice da História Geral, mas exige que, a partir das problemáticas do presente se possa pensar os conteúdos a serem analisados:

⁴ SANTOS, Regma Maria dos Santos. *Memórias de um Plumitivo: Impressões cotidianas e história nas crônicas de Lycidio Paes*. Uberlândia: ASPPECTUS/FUNAPE-UFG, 2005, p. 108

O conhecimento sobre o Brasil atual exige o domínio da História do presente, ou do entendimento do presente como História, e dos métodos de abordá-la. A identificação dos problemas vividos ou próximos dos alunos torna possível estabelecer os objetos de estudo significativos que ordenarão os conteúdos a serem trabalhados, tanto no tempo como no espaço.⁵

Para o desenvolvimento do projeto selecionamos alunos que estão cursando do 1º ao 3º ano no Colégio Mãe de Deus, com dois encontros semanais, com a duração de uma hora e meia para cada encontro.

Decidimos escolher as crônicas de Carlos Heitor Cony por sua história jornalística que começou logo após o golpe militar de 1964, por ter sido o primeiro jornalista a se manifestar contra o regime ditatorial o que lhe rendeu seis prisões.

Em sua história de vida destaca-se o fato de que quando pequeno tinha um problema de fala, o que o fez querer muitas vezes largar a escola. Foi para o seminário, abandonou e hoje Cony escreve para a Folha de S.Paulo. Suas crônicas mantêm sempre uma clareza e é consagrado um dos jornalistas políticos mais importantes do Brasil.

Cony é um cronista político que escreve com humor, faz seus desabafo, compara fatos históricos com acontecimentos atuais utilizando suas crônicas para criticar o governo, cobrar, ironizar, fazendo uso de várias formas de expressão e tendo uma linguagem de fácil compreensão.

Escolhemos algumas crônicas por apresentarem aspectos relevantes da nossa sociedade, e, sobretudo aquelas que, por seu caráter político, chamavam mais atenção dos alunos, em função do rico e conturbado contexto vivenciado por todos nós. Selecionamos crônicas publicadas em 2004 e 2005 no jornal Folha de São Paulo, dentre essas: *A paz e a guerra, Regra de Três, Lavagem cerebral, O melhor verso, Corrigindo a história, O médico e o monstro, Machado e Johnny Bravo, Grandeza e Miséria, O chá das peruas, Tomada de consciência, A crueldade de agosto, Gregos e Troianos, Herzog e a cruz, A moça e a viagem, Pensamentos repetidos, Aqui e agora, FHC e a academia, Fernando Sabino, Paixão segundo Sabino, O lobo não está velho.*

Após a leitura e a discussão das crônicas os alunos eram instigados a pesquisar na biblioteca, ou a trazer de casa, outras informações que auxiliassem a melhor compreensão das mesmas. Finalmente, os alunos redigiam suas próprias crônicas apresentando suas considerações sobre temas definidos pelo grupo.

⁵ BITTENCOURT, Circe. Identidade nacional e ensino de História do Brasil. In: KARNAL, Leandro.(org.) *História na sala de aula: conceitos ,práticas e propostas.*2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 201.

Nos reunimos com os alunos em oficina duas vezes por semana, entre os meses de setembro e outubro, em um total de doze encontros. Procuramos mostrar para os alunos como é possível inovar o ensino de história utilizando a crônica para fazer esse entrecruzamento.

As crônicas foram lidas, uma por encontro, procurando observar os detalhes sobre o cotidiano do autor e as variedades de assuntos relacionados com o passado e o presente.

Procuramos fazer uma relação do hoje e do ontem, e como o cotidiano está presente na vida do autor. Levamos os alunos a buscarem mais informações nos jornais, incentivando a leitura e a escrita, observando que outros detalhes da história não foram notados.

Na primeira crônica apresentada aos alunos *A paz e a guerra*, Cony inicia o texto fazendo um comentário sobre o seu cotidiano, relacionando-o aos acontecimentos políticos pelos quais passou o país:

Passei o fim de semana mexendo, no arquivo de uma revista que não existe mais. Procurava uma foto antiga, para ilustrar artigo que estou escrevendo para um jornal espanhol.⁶

Cony começou expondo um fato do seu dia-a-dia pessoal, depois que releu alguns arquivos, lembrou do golpe de 64, do AI-5 dos anos de intrigas. Num curto espaço o cronista retrata acontecimentos desde o Presidente JK até a morte de Tancredo e os planos econômicos, o impeachment de Collor. E no final escreve que “Acredito que nunca tivemos um período tão tranqüilo como o dos últimos governos”, e por fim conjectura: “...Nem por isso devemos suspirar por novas guerras”.⁷

Procuramos, junto com os alunos, analisar cada fato histórico que Cony citou em sua crônica, falamos sobre os presidentes, o que cada um representou para o Brasil, bem como também percebemos as variedades de assuntos políticos em uma crônica, que a partir de um fato corriqueiro permitiu ao autor lembrar o passado da nação, e eventos como o golpe de 1964, que lembra suas seis prisões. O autor cita cada presidente, suas vitórias e derrotas. Como JK que construiu a capital do nosso país, Jânio que renunciou, a morte de Tancredo que abalou o país; e Collor, que trouxe com o seu impeachment, o movimento dos jovens caras pintadas.

São apenas alguns detalhes que foram observados pelos alunos, levando-os a um questionamento sobre o hoje e o nosso momento político, um ano

⁶ CONY, Carlos Heitor. A paz e a guerra. In: *Folha de São Paulo*. 06/09/2004, p.2.

⁷ *Ibidem*

depois da publicação dessa crônica. Para os alunos sempre atravessamos momentos políticos marcantes, hoje é a vez do chamado “mensalão”, que de certa forma, rompe com a paz e a tranquilidade exposta por Cony no decorrer da crônica. Na verdade, a tese do “mensalão” é o início de uma nova guerra, da disputa eleitoral de 2006.

Foi possível através dessa crônica fazer com que os alunos percebessem sua realidade em relação ao passado, adaptando as diversas realidades do aluno com o seu cotidiano, valorizando mais sua oralidade, e principalmente a sua construção de texto, que poderá servir de documento, a ser estudado.

Procuramos então fazer com que nessa dimensão do conhecimento histórico o aluno possa ter um olhar a mais para os fatos do seu cotidiano e os fatos históricos. Desta forma os alunos puderam perceber como se trabalha com um documento, e de que maneira a crônica driblou o tempo e é capaz de mostrar além de outros olhares. Depois da leitura e interpretação oral da crônica, cada aluno produziu sua própria crônica, com tema livre.

A partir das crônicas produzidas pelos alunos pudemos perceber melhor qual sua percepção da relação do seu cotidiano da relação da sua escrita e a leitura com sua oralidade.

As primeiras crônicas escritas pelos alunos em setembro de 2005, não podiam deixar de tratar de mais uma crise política que assola o país, mas com certa ironia. Percebemos que os alunos estão tendo uma percepção histórica que não existe nos livros didáticos, adotando uma visão mais ampla e ao mesmo tempo crítica, uma vez que a crônica possibilita esse desabafo pessoal, fazendo com que desperte no aluno o interesse em poder escrever sem medo, e poder ler observando outros fatores que estão no nosso cotidiano e também dentro da história.

Essa interdisciplinaridade permite-nos também perceber que um conjunto de preocupações sobre o conhecimento histórico e suas relações com o ensino vivenciado na escola nos leva à valorização de atitudes e valores para entendermos melhor o nosso exercício de cidadania, ou seja, valorização de si mesmo como sujeito responsável da história, respeitando as diferenças culturais, étnicas, religiosas, políticas e evitando qualquer tipo de discriminação.

É preciso pensar a História do Brasil na escola com maior compromisso político e cultural, em que os critérios metodológicos tenham uma fundamentação teórica, tanto no que se refere à historiografia quanto à pedagogia. É justamente este entrecruzamento de olhares que possibilita a interdisciplinaridade, os alunos ao escreverem as crônicas, estão ampliando seu olhar. O passado serve de contraponto para fazer uma reflexão sobre o presente, possibilitando ainda uma mistura de vários gêneros.

A crônica apresenta linguagens metafóricas, antíteses, metonímia, eufemismo, ironia, diminutivos, aumentativos, buscando aproximar o autor do

leitor, mas ao mesmo tempo exige uma reflexão permanente. Ou seja, o autor da crônica pode fazer críticas de filmes, de teatro ou de livro, fazer da escrita um poderoso veículo capaz de transformar o banal em algo importante, e capaz de levar para os alunos um incentivo a mais para seus conhecimentos.

Observamos que os alunos começaram a assistir os jornais diários na televisão, foram buscar em outros jornais como cada um trata da notícia, foram buscar na sua sala de aula o que acontece. Despertar esse interesse nos alunos já foi um grande passo, uma vez que começaram a perceber de que modo em que momentos e lugares diferentes os homens foram capazes de perceber a si próprios e ao mundo construindo um sistema de idéias e imagens do mundo e do seu cotidiano.

O mais importante é poder mostrar aos alunos que a crônica tem uma ligação constante com o cotidiano, retratando esse cotidiano que não para e está sempre em movimento.

Abordando exatamente a transversalidade dentro desta proposta que tende a ultrapassar a fragmentação dos conteúdos e disciplinas, cujo conhecimento possa ser construído em função dos temas e propostas, as crônicas de Cony permitem-nos trabalhar vários assuntos tendo um conteúdo escolar voltado para sua realidade e seu mundo cotidiano. Com base nos temas transversais propostos e na necessidade de cada realidade escolar, o professor deve aproximar seus conteúdos e sua prática escolar para o desenvolvimento da capacidade do aluno ler e interpretar a realidade, contextualizando e aprendendo a aprender.⁸

É importante destacar que os títulos das crônicas escritas pelos alunos revelam a leitura que fazem da realidade presente, de suas práticas de convivência social, mas exprimem também seus desejos. Eis alguns títulos: *Honra, A tormenta que nunca acaba, Intenções, Sucessões, Anos 60, "Tentando tapar o sol com a peneira", Sthefânia, A aventura do cotidiano, Febre aftosa sim, gripe do frango, não, Nada, Independência ou dependência?, Voltando aos tempos de criança, Referendo? q. nada., Notícia de jornal, O estrangeirismo no Brasil, Seja você, Amigos, Barriga de anjo, Vida, Festa do Rosário, A crise econômica, Nas páginas de um livro, Meus quase 16 anos.*

Além dos temas políticos, destacam a gravidez na adolescência, a festa religiosa, as comemorações de aniversário, o comportamento dos jovens, dentre outros temas, tais como a escolha futura de cursos superiores, o vestibular, o acesso ao ensino superior.

O objetivo do projeto foi alcançado uma vez que conseguimos estimular a

⁸ FREITAS NETO, José Alves de. A transversalidade e a renovação no ensino de História. In: KARNAL, Leandro.(org.) *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.*2ª. ed. São Paulo: Contexto,2004, p. 62.

prática da leitura assim como a construção de crônicas por parte dos alunos. Muitos perceberam a relação interdisciplinar entre a literatura e a história.

Desta forma, os alunos puderam pensar a crônica como um gênero literário e que pode ser utilizada como documento e mais como uma fonte de produção do conhecimento histórico, percebendo que a crônica integrada ao jornal acaba sendo um lugar de memória.

Referências:

FONTES

CONY, Carlos Heitor Cony. Aqui e agora. In: *Folha de São Paulo*. 28/04/2004, p.2.

____. Gregos e troianos. In: *Folha de São Paulo*. 12/06/2004, p.2.

____. Lavagem cerebral. In: *Folha de São Paulo*. 06/07/2004, p.2.

____. A paz e a guerra. In: *Folha de São Paulo*. 06/09/2004, p.2.

____. A crueldade de agosto. In: *Folha de São Paulo*. 17/08/2004, p.2.

____. O melhor verso. In: *Folha de São Paulo*. 07/09/2004, p.2.

____. Regra de três. In: *Folha de São Paulo*. 12/09/2004, p.2.

____. Tomada de consciência. In: *Folha de São Paulo*. 23/09/2004, p.2.

____. Corrigindo a história. In: *Folha de São Paulo*. 30/09/2004, p.2.

____. A moça e a viagem. In: *Folha de São Paulo*. 09/10/2004, p.2.

____. Fernando Sabino. In: *Folha de São Paulo*. 13/10/2004, p.2.

____. Machado e Johnny Bravo. In: *Folha de São Paulo*. 16/10/2004, p.2.

____. Grandeza e Miséria. In: *Folha de São Paulo*. 17/10/2004, p.2.

____. Paixão segundo Sabino. In: *Folha de São Paulo*. 20/10/2004, p.2.

____. Herzog e a cruz. In: *Folha de São Paulo*. 31/10/2004, p.2.

____. O lobo não está velho. In: *Folha de São Paulo*, 07/11, 2004, p. 2.

____. O chá de peruas. In: *Folha de São Paulo*. 11/11/2004, p.2.

____. FHC e a academia. In: *Folha de São Paulo*. 27/11/2004, p.2.

____. Pensamentos repetidos. In: *Folha de São Paulo*. 28/11/2004, p.2.

____. O médico e o monstro. In: *Folha de São Paulo*. 09/12/2004, p.2.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Circe. Identidade nacional e ensino de História do Brasil. In: KARNAL, Leandro. (org.) *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FREITAS NETO, José Alves de. A transversalidade e a renovação no ensino de História. In: KARNAL, Leandro.(org.) *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História*. Trad. Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOBSBAWM, Eric. O ressurgimento da narrativa: alguns comentários. Trad. Denise Bottmann. In: *RH - Revista de História*, n.2/3, Campinas/SP. Gráfica IFCH/Unicamp, 1991.

KARNAL, Leandro. (org.) *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

LE GOFF, Jacque. *História e Memória*. Trad: Bernado Leitas [et. al]. Campinas. SP: Editora da Unicamp. 1994.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar e reformar, reformar o pensamento*. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

NEVES, Marganida de Souza. Uma escrita do tempo: Memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CANDIDO, Antonio et all. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas - SP: Ed. Unicamp / Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 75-92.

NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, J. e Nora, Pierre. *História: Novos Problemas*. 2 ed. Trad. Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

_____. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. In: *Projeto História*. PUC - SP. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dezembro de 1993.

SANTOS, Regma Maria dos. *Memórias de um plumitivo: impressões cotidianas e história nas crônicas de Lycídio Paes*. Uberlândia: Aspectus, 2005.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo. Brasiliense, 1985.

_____.(org. do volume). *História da Vida Privada no Brasil*. vol. 3. São Paulo: Companhia da letras, 1998, p. 513-619

SOUZA, Leonardo de Oliveira. Jornalismo e literatura: memória e história na obra O Ato e o Fato de Carlos Heitor Cony. *Relatório de Iniciação Científica*. PIBIC/CNPq.